



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

António Simão
PAPIM

O SECULO

Director artistico:

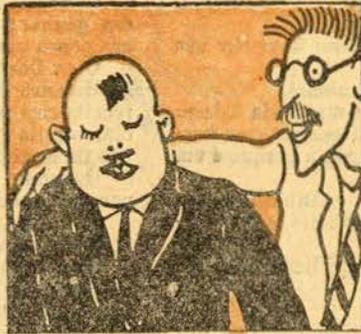
Edward Collette
PAPUSSE

AURORA BOREAL

Por GRACIETTE BRANCO



Em tempos que já lá vão,
— para as bandas do Seixal—
vivia o Senhor Antão
Zé da Cunha Boreal.



Zé da Cunha, que é cunhado,
do Quim Quintela Quintão,
viu-se um dia apaixonado
por cachopa de feição...



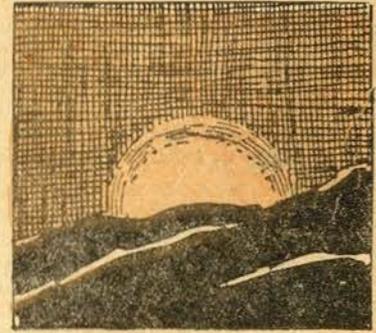
Aurora Simão Singela,
se chamava, por sinal,
— inda prima do Quinteão,
cunhado do Boreal. —



Vai um dia, o Boreal,
ao ver a Aurora Simão,
numa esquina do quintal
do Quim Quintela Quintão,



com gorgnios de cristal,
lhe disse:—Eu amo-te, ó bela!
— E o Zé Cunha Boreal
casou co'a Aurora Singela!



Vai ao depois—oh! que espanto
para o povo do Seixal!
— Aparece, por encanto,
uma Aurora Boreal!



História de dois bons corações

(AO MEU IRMÃO JAIME E AO ARMANDO)

Por Fernando A. Simões

Desenhos de Eduardo Malta

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Vestiu-se, almoçou, esteve depois cerca de uma hora a estudar a lição do dia seguinte, e depois saiu.

O José saiu também, mas não ia à feira; ia visitar uns tios que tinha numa aldeia próxima.

Armando pensava onde arranjar o dinheiro.

— Com certeza que há-de lá estar a rapaziada toda ou quasi toda cá da vila: o Chico, que anda sempre com bastante dinheiro, com certeza que me empresta porque é um bom amigo.

«Mesmo que me não empreste muito, o António, o Manuel, o Alberto, e o Alvaro, todos têm dinheiro, e com certeza que mo não recusam.

«Depois lhes pagarei, quando o meu pai ficar outra vez meu amigo, e me tornar a dar dinheiro.

Assim pensando chegou à feira.

Encontrou-se logo com um grupo de amigos, uns dez talvez, entre os quais estavam todos aqueles de quem se lembrara.

Tinham eles pensado, inteligentemente, que andando dispersos, cada um por seu lado, pouco ou nada se divertiriam, enquanto que andando todos juntos o caso seria diferente.

Juntaram o dinheiro todo que traziam, e eles ali estavam prontos para principiar a funcção, quando Armando chegou.

Explicaram-lhe logo tudo e convidaram-o a entrar no grupo.

Armando ficou muito atrapalhado, visto não ter dinheiro, mas como os companheiros notaram aquela atrapalhado, perguntaram-lhe porque era que ele estava assim.

Ele explicou tudo, e os amigos mostraram a sua generosidade, dizendo que isso não tinha importância alguma, e que a despesa que ele fizesse seria dividida por todos.

E depois de assim resolverem a questão, lá foram para a folia.

Emquanto Armando se considerava tão infeliz, por não ter dinheiro para brincar, havia alguém que se considerava ainda mais infeliz do que ele: era Jaime.

A mãe adocera-lhe gravemente, e o pobre rapazinho, estava completamente atrapalhado, de tal maneira desnor-teado que até perdera a alegria.

Para ele nem feira havia.

O dinheiro que andava juntando para lá ir, numa caixinha de papelão, gastara-o em ovos com que fizera umas gemadas para a mãe.

Que fazer? Dinheiro em casa não havia, ele não o podia ganhar; não podia sair de casa porque todo o tempo era pouco para tratar da mãe.

O sr. Doutor fôra lá na véspera, tão bom que não levava dinheiro pela visita, mas tão mau, que deixara lá uma receita com remédios que Jaime teria de ir aviar à farmácia, receita que trazia o pobre rapazinho engasgado, pois não tinha dinheiro para comprar remédios.

Quando o médico saiu, sentou-se numa mala a chorar, pensando onde havia de ir arranjar o dinheiro.

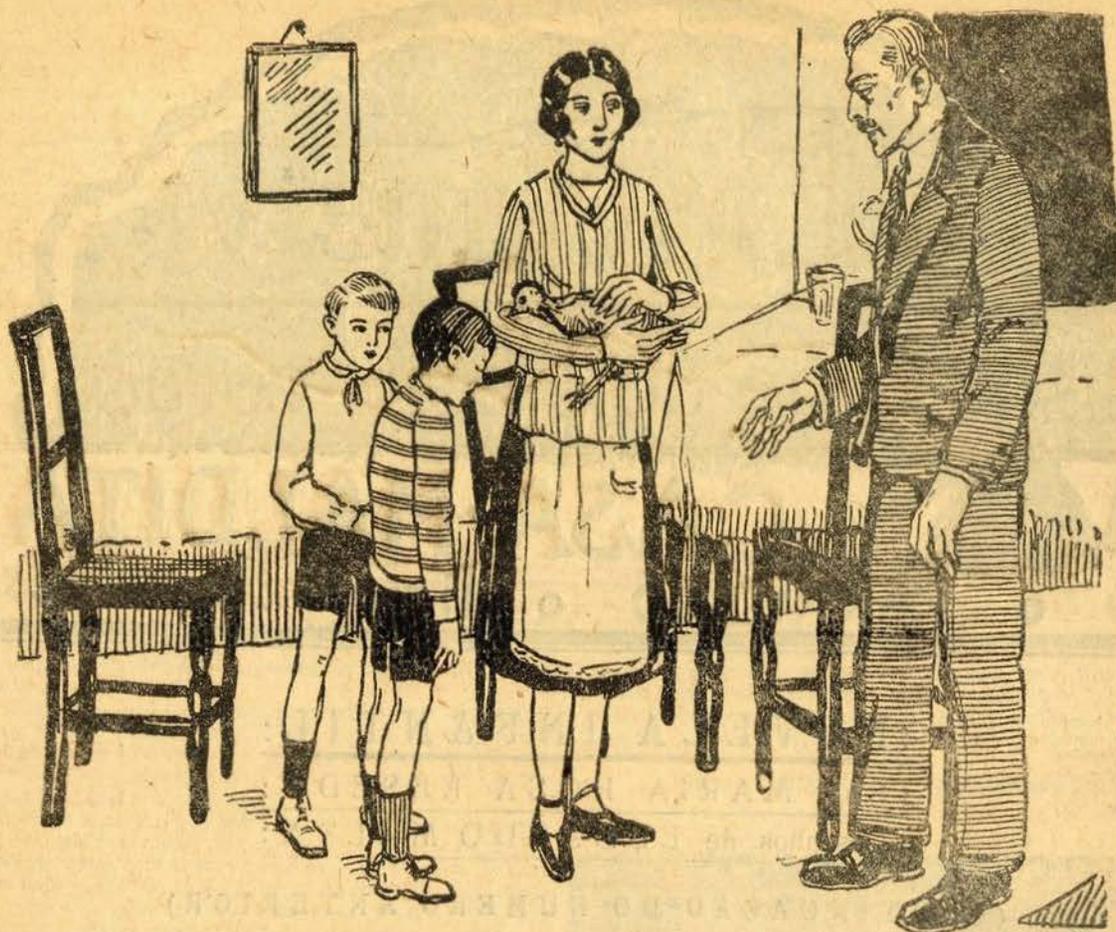
De súbito, teve uma idéa.

Mas logo a pôs de parte.

Não isso não faria ele nunca.

Mas como ao fim de muito pensar, não encontrasse outra solução para aquele problema, pôs-se resolutamente a pé, dizendo alto para se encorajar:





— Deixá-lo, tem de ser.

«Quando tiver dinheiro lhes pagarei.

Abriu a porta, e saiu para a rua.

Como era quasi noute, poucas eram as pessoas que passavam.

Andou durante uns cinco minutos, até que chegou ao lugar desejado: era a casa de Armando.

Era um prédiozinho de dois andares, onde eles residiam. Pouco mais ou menos na altura de um 1.º andar, saía de um dos lados da casa um muro que fazia um ângulo uns metros mais adiante, para tornar a fazer outro pouco depois, e vir novamente encostar à parede do prédio, mas do outro lado.

Felizmente havia um lado onde o muro estava um pouco escavado; Jaime aproveitou hábilmente esse facto para trepar como um macaco. Pouco depois achava-se da parte de dentro do muro.

O que depois se passou já o sabemos; Jaime foi à capoeira, tirou uma galinha, voltou com ela, tornou a trepar o muro, e afastou-se julgando não ser visto por ninguém, enquanto Armando por dentro da vidraça, observava os seus mais pequenos gestos.

No dia seguinte, no mesmo domingo em que Armando ia à feira e lá se encontrava com vários amigos, Jaime saía de casa e depois de andar uns bons 3 quartos de hora, já fóra da vila, chegava a casa de uma mulherzinha que vendia galinhas.

— Tia Rosa, disse o pequeno, manda dizer a minha mãe se vocemecê lhe quer comprar esta galinha; manda ela dizer se vocemecê me dá por ela o mais dinheiro possível, que é para comprar uns remédios para ela.

— Então a tua mãe está doente?

— Está sim senhora.

— Que tem ela?

— Olhe, eu não sei o que é que ela tem, mas sei que para ela se curar é preciso um rór de remédios, que para êsse rór de remédios é preciso um rór de dinheiro e nós não o temos.

Por isso lhe trago a galinha.

— Está bem, rapaz.

Dize à tua mãe que lhe dou por ela vinte mil reis. Aqui os tens; olha, leva-lhe também êstes ovinhos que lhe dou eu para fazer uma gemada.

— Muito obrigado, tia Rosa, quando vocemecê quiser vá até lá a casa vê-la; e olhe...

— Que é?

— Muito obrigada, tia Roza.

E Jaime afastou-se em direcção à vila; tão grande era a satisfação que sentia que a sua vontade era desatar aos pinos, pela estrada fóra mas... receava partir os ovos ou perder o dinheiro, e por isso não os fazia.

Quando chegou à vila dirigiu-se logo à farmácia, comprou os remédios, e levou-os, louco de alegria, à sua querida mãezinha.

Depois de um dia inteiro de grossa brincadeira, Armando voltou para casa, eram sete horas.

Jantou com o José, que também já tinha voltado; entreteve-se a ler um bocado, e por fim deitou-se.

Jaime chegava já a casa, com os remédios e os ovos, e como sua mãe ficasse espantada por não saber onde tinha êle arranjado o dinheiro, pôs um dedo nos lábios e, com um acento profundamente traquinas, exclamou:

— Schiu! Não são coisas que lhe interessem. Tome lá os remédios, e deixe o resto que é por minha conta. Se se portar bem, e tomar os remédios todos, então depois lhe direi onde fui arranjar o dinheiro.

No dia seguinte, segunda feira, o José foi mudar a água e levar a comida aos animais que estavam no quintal.

Estava muito entretido a vê-los comer, quando deu pela falta duma galinha.

(Continua na pag. 6)



A CASA-MALDITA

OU O FARRUSCO o limpa chaminés

: NOVELA INFANTIL:

: Por MARIA ROSA RÉSEDÁ:

: Desenhos de EDUARDO MALTA:

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

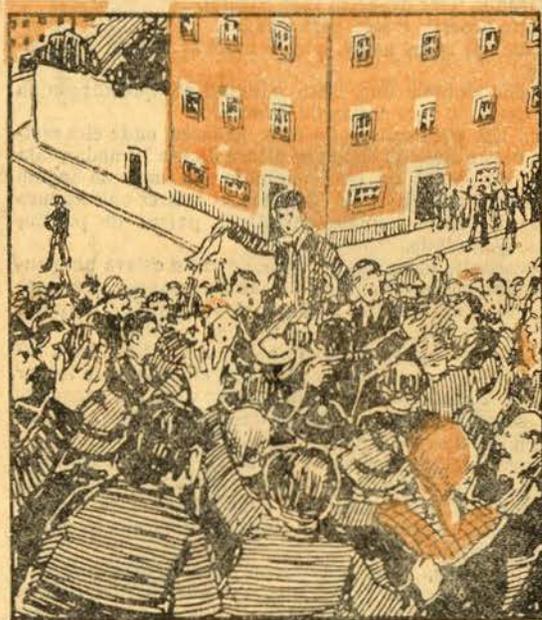
—A! morte, à morte o criminoso! Abatêmo-lo como uma fera!

Assim foi. A multidão, ululante, caiu em massa sobre o anão, espesinhando-o raivosamente. Arrancaram-lhe a péra, atiraram-no ao ar como se fosse uma bola e, por fim, foi massacrado, linchado sem dó nem piedade. As suas vítimas estavam vingadas.

Duas horas depois, para o lado do nascente, o céu tingia-se suavemente de laivos rubros, misturados com outros mais claros: era a aurora que principiava a romper em todo o seu esplendor. Em breve o Astro-Rei aparecia rodeado dos seus acólitos, os raios luminosos e benéficos, que solícitos esperavam uma ordem do seu senhor e amo, para se dispersarem pelas diferentes terras. Um dos raiosinhos foi mandado aquecer uma pobre velhinha enregelada e parálitica sempre sentada junto da única janela da sua miserável choupana; outro recebeu ordem para dar calor aos pésinhos descalços dos pobrezinhos; outro ainda para queimar a horta e secar as flores de um avarento, que na véspera recusara um bocadinho de pão a um ceguinho e assim sucessivamente folhes determinado o trabalho que tinham a fazer naquele dia. Alegremente, todos partiram a cumprir a sua missão, uns dando a recompensa, outros o castigo, enquanto o Sol radiante de beleza os vigiava do alto do seu régio trono. Um dos raios postara-se também junto da Casa Misteriosa, aclarando as grandes manchas de sangue que se espalhavam pela rua. Mais longe, encostada ao passeio, via-se uma massa informe, ensanguentada:—era tudo o que restava daquele que fôra o chefe da quadrilha do terrível e cruel Anão Ruivo.

V

Nessa mesma manhã os quinze bandidos foram enforcados na Praça Pública. Um pouco mais adiante, pendurado numa das árvores, balouçava-se o décimo sexto corpo: era o «Zarólho», o braço direito do chefe. O povo agora respirava feliz, livre enfim do terror que havia muito tempo o tinha dominado, e, radiante, entregava-se de alma e coração



à alegria e à brincadeira. A' tarde fizeram uma grande manifestação a «Farrusco». Aos ombros dos seus camaradas limpa-chaminés, que o saudavam entusiasticamente, orgulhosos de possuírem na sua classe um personagem tão importante, foi levado em triunfo por todas as ruas da cidade e aclamado delirantemente. «Farrusco», muito comovido agradecia a todos.

Atirava beijos às raparigas (o maroto), fazia carêtas às velhas, que as tomavam por sorrisos, e aos homens acenava-lhes com o lenço. Foi um dia de festa e regosijo. Só à meia noite «Farrusco» pôde descansar, enfim. Embora lhe apetecesse muito mais o repouso, tivera de assistir ao banquete oferecido pelo Rei, sentado no lugar de honra, à direita do monarca e ouvir, cheio de sono e aborrecimento, mas fingindo-se muito lisongeador, os intermináveis discursos dos cortezãos, que assim sabiam agradar ao Rei. Amparado por dois pagens que o acompanhavam ao quarto, pois as suas pernas iam-se abaixo devido à enorme quantidade de «champagne» que havia ingerido, misturado com outros vinhos que constantemente os criados lhe serviam, o pobre «Farrusco» sentia-se muito mal disposto. A cabeça andava-lhe à roda, os ouvidos zumbiam-lhe e os seus olhos viam tudo dobrado.

Estava convencido que quatro pagens o seguravam em vez de dois e outros disparates dêste quilate.

Meio inconsciente e sonolento deixou que o metessem na cama e, mal deitou a cabeça na almofada, adormeceu profundamente.

Na manhã seguinte toda a côrte se encontrava reunida na sumptuosa Sala do Trono. O Rei, sentado magestosamente no trono de marfim e ouro, envergava o traje de grande gala. Acocorado aos pés do monarca, via-se uma estranha e exqu岸ita creatura de idade indefinida, pois o seu rosto caricato não dava a perceber se era novo ou velho. Sobre a cabeça, que não parava quieta um só momento, tinha um capuz muito alto enfeitado com guizos prateados. O fato que vestia era de muitas côres, também cheio de guizos prateados e dourados. Cada vez que êle se mexia, o que acontecia constantemente, os guizos tilintavam, tilintar que parecia diverti-lo muito.

«Farrusco», que se encontrava precisamente sentado em frente do Rei, olhava intrigado para aquela figura ridícula e admirava-se do à vontade e das respostas que êle dava ao Rei e das insolências que dirigia aos cortezãos, que não lhe ligavam importância alguma.

Esse personagem, que intrigava tanto o limpa-chaminés, era nem mais nem menos do que o bôbo da côrte, cuja missão é distrair o Rei, com as suas momices e tem autorização para dizer tudo o que lhe vem à cabeça. Ao fundo da sala, moços elegantes e garbosos nos seus bonitos uniformes, perfilados, direitos e imoveis, com as espadas desembainhadas erguidas à altura do rosto, destacavam-se os figurantes da guarda de honra do Monarca, composta sómente por moços fidalgos da mais alta estirpe, que pelo seu comportamento exemplar eram escolhidos para aquele nobre cargo. Conhecidos pelos «Cavaleiros de Honra», sabiam honrar o seu nome, pois dedicavam-se especialmente a proteger o sexo frágil e, além disso, todos aqueles que fossem ofendidos em pontos de hon-

ra. Os fracos, os oprimidos e os pobres tinham nêles verdadeiros protectores e nunca nenhum «Cavaleiro de Honra» se recusara a prestar-lhes auxilio e protecção. A contrastar com a riqueza e sumptuosidade dos trajes da côrte, via-se «Farrusco», que envergava ainda o seu fato pòbrezinho, todo remendado, já sem côr definida, devido ao muito uso que tivera. O limpa-chaminés, completamente refeito da indisposição da véspera, anciava per regressar à sua aldeia e abraçar a avó que êle idolatrava.

—«Farrusco», chamou o Rei, vem para junto de mim e escuta com atenção o que te vou dizer.

Mas o bôbo, erguendo-se do seu lugar, principiou a dançar e a arremedar o Rei, acompanhando tudo de uma guizalhada infernal.

—«Farrusco», cantarolava êle com uma voz esganiçada, vem para junto de mim e...

—Cala-te bôbo, gritou o Rei, sem contudo se mostrar ofendido, vai para o teu lugar e conserva-te sossegado.

O bôbo obedeceu, indo de novo acocorar-se aos pés do seu senhor, mas olhando insolentemente para «Farrusco». O limpa-chaminés começava a antipatisar deveras com semelhante criatura e sentia certa vontade de o correr dali para fóra a pontapés. Porém, como isso era impossível, cumpriu a ordem do Rei e esperou que êle falasse.

—Prometi um sacco cheio de ouro, começou o monarca com voz solene, à pessoa que fôsse capaz de desvendar o mistério da Casa Maldita. Ninguém o conseguiu; uns porque tinham mêdo, outros porque se não quizeram incomodar. Fôste tu o único que tiveste essa coragem, tu uma criança, que não fugiste como muitos homens com fama de valentes o fizeram. Embora tivesses tido mêdo, como me constaste, o que aliás é natural, pois estavas completamente só e sem luzes, conservaste-te nêsse posto arriscado até ao fim e conseguiste vencer. Cumpro a minha promessa: — hoje mesmo ser-te-há entregue o sacco de ouro, pois ganhaste-o

(Ver a continuação na última página)



Historia de dois bons corações

(Continuação da página 3)

Procurou-o por todos os cantos e não a encontrou. Muito atrapalhado, sem saber como explicar este facto, que nunca lhe acontecera, o José foi logo ter com o pai de Armando, que já tinha voltado, e disse-lhe que havia desaparecido uma galinha.

Embora isso não fosse um grande prejuizo para quem tinha tantas, o sr. João, que assim se chamava o pai de Armando, desceu ao quintal para ver como tinha isso acontecido.

Efectivamente só lá estavam vinte e uma galinhas, quando elas eram vinte e duas.

E fôra também a maior, a mais gorda, que desaparecera. De súbito o sr. João teve um pensamento que o fez estremecer, e abanou negativamente a cabeça, como que a convencer-se a si próprio de que o que pensava não era verdade.

Mas o José, que neste momento ia dar outra volta à capoeira, soltou uma exclamação de espanto, ao mesmo tempo que exclamava:

— Oh! O sr. João, venha cá ver.

O pai de Armando foi ver o que era, e desta vez estremeceu: a porta da capoeira estava arrombada!

A galinha fôra, portanto, roubada.

E a mesma suspeita que pouco antes lhe atravessara a mente, voltou de novo ao cérebro do sr. João, enquanto uma frase, lhe zumbia aos ouvidos:

— «Deixe lá, meu pai! O dinheiro há-de se arranjar!»

E a suspeita de que Armando, roubara a galinha para arranjar dinheiro para ir à feira, não o largou mais, até que Armando voltou da escola.

Mai ele chegou, o pai foi-lhe logo ao encontro, e sem que ele o beijasse, ou lhe desse as boas tardes, exclamou:

— Anda cá rapaz! Preciso de falar contigo.

Segurando-o pela mão, levou-o ao quintal, até junto da capoeira.

Armando tremia como varas verdes.

Soubera, lá na feira, que a mãe de Jaime estava doente, e, como sabia que eles eram pobres, calculou logo que Jaime roubara a galinha para tratar da mãe, e, do íntimo do coração, perdoou aquele feio gesto, ao seu ex-amigo.

Mas eis que o despertou dos seus pensamentos, a voz rude do pai, que lhe dizia:

— Olha lá! Tu vês isto?!

E mostrava-lhe a capoeira arrombada:

— Que quer isto dizer?

Armando não respondeu; e que havia ele de dizer?

— Tu sabes quantas galinhas nós tínhamos?

— Sei sim senhor; eram vinte e duas.

— Pois bem, conta lá as que estão aí.

Armando contou-as; demais sabia ele quantas havia de encontrar.

— Dezanove... vinte... vinte e uma.

— Então? Que te parece?!

— Parece-me... que falta uma.

— E então? «O que é que tu fizeste à galinha que falta?»

E o sr. João carregou na frase «o que é que tu fizeste». Num relance Armando compreendeu tudo: o pai desconfiava dele; ante tão grande injustiça as lágrimas assomaram aos olhos do pobre rapaz que, sem forças para as suster, as deixava cair copiosamente.

Mas o pai tomou aquelas lágrimas como vergonha de ver descoberto o seu crime.

Com uma palavra, Armando poderia explicar tudo, mas, se assim succedesse, seu pai, naquele momento de cólera, não pensaria nas necessidades de Jaime e de sua mãe, para só pensar que lhe tinham roubado uma galinha, e talvez até que os obrigasse a pagarem-lha.

E se assim fôsse, onde havia o pobre Jaime de ir buscar o dinheiro?

Então Armando preferiu calar-se.

Arrastaria, embora, com a cólera de seu pai, mas a mãe de Jaime havia de ter os cuidados necessários à sua saúde.

E nesse dia Armando apanhou uma grande sova, pagando assim uma maldade que não tinha feito.

A mãe de Jaime restabeleceu-se passados oito dias e, decorrida outra semana, voltou a trabalhar, enquanto o filho ia para a escola.

Quando soube de que maneira Jaime arranjara o dinheiro, ficou muito triste mas o garoto, sempre brincalhão, exclamou:

— Ora mas então não querem lá ver! A senhora minha mãe apanhou-se curada, e agora zás!, resolveu que havia de ficar triste lá porque tirei uma galinha ao sr. João.

«Deixe lá, que ele tem muitas, enquanto que nós não temos nenhuma.

«E depois, pode-se fazer uma coisa... é verdade, é isso mesmo que se há-de fazer.

Quando a mãezinha voltar a trabalhar, péga-se em vinte mil reis, que foi o preço da galinha, e vai-se levar ao sr. João, que com certeza não se há-de zangar, uma vez que roubei a galinha para comprar remédios para si, e visto que lhe pagamos. «Hein? que tal?

E rindo-se, todo satisfeito, pespegou nas faces de sua mãe, que o olhava sorrindo, duas sonoras beijocas.

Efectivamente assim se fez, mas com uma variante: com os vinte mil reis, que o sr. João decerto não aceitaria, foram à tia Rosa, para comprar outra galinha.

— Mas então... vocemecê vende galinhas para as tornar a comprar? exclamou a tia Rosa, quando soube ao que ia a mãe do Jaime.

É verdade. Assim é preciso.

— Então olhe: entre e escolha.

«Ouça lá: quererá vocemecê comprar a mesma que me vendeu no outro dia?

— Isso é que convinha. Olé se convinha! exclamou Jaime que até aí estivera calado.

— Pois então olhe: aqui a tem.

Efectivamente era a mesma que Jaime tirara ao sr. João.

— Quanto quer vocemecê por ela?

— Olhe se fôsse para outra pessoa, eu levava mais dinheiro, porque a gente compra por um preço e vende por outro, e aí é que está o nosso ganho.

Mas como é para vocemecê, vá lá são os mesmos vinte mil reis.

A mãe de Jaime deu o dinheiro, e, acompanhada do filho, foi logo a casa do sr. João.

Eram seis horas. Armando já tinha vindo da escola.

Quando lá chegou, bateu e veio o José abrir.

— Que quer?

— Está cá o sr. João?

— Está sim, senhora.

— Preciso de falar com ele.

Imediatamente o sr. João apareceu.

— Boa tarde, sr. João.

— Boa tarde, tia Emilia.

«Então que há?

A mãe olhou para Jaime, que a compreendeu.

Puxou dum grande lenço e assoou-se com enorme estrondo, o que fez rir o José e sorrir o sr. João, e principiou:

— Olhe sr. João, a minha mãe esteve muito doente, foi lá a casa o sr. Doutor, e receitou um rôr de remédios para a minha mãe se curar.

«Como nós não tínhamos dinheiro nenhum, eu resolvi arranjar-lo desse por onde desse, e como me fartei de magiciar e não descobri nada com mais proveito, resolvi roubar uma galinha ao sr. João, para depois a vender e arranjar assim o dinheiro.

— Roubar-me uma galinha? exclamou o sr. João, espantado.

«Mas eu não dei por falta de nenhuma!

Era tal a convicção em que estava de que Armando é que roubara a outra, que, como descontada essa, não desaparecera mais nenhuma, o sr. João não queria acreditar que lhe tivessem roubado outra.

— Pois é verdade: roubei-lhe uma galinha!

— Mas quando? isso não pode ser.

— Olhe, até foi na véspera dum domingo em que houve no campo uma grande feira.

— Quê?! que dizes tu?

«Então não foi o Armando que...

— Bom! Mas deixe-me acabar.

«Consegui vender a galinha; com o dinheiro comprei os remédios; a minha mãe curou-se, voltou a trabalhar, arranhou dinheiro, com ele comprámos a galinha, que por sinal é a mesma, porque a mulher que ma comprou ainda não a tinha vendido, e aqui a venho trazer ao sr. João, pedindo-lhe muita desculpa por a ter vindo buscar sem sua autorização.

Mas o sr. João estava aterrado.

— Ó José, vai lá acima, e chama o Armando.

«Pouco depois Armando apareceu.

Ao ver o seu condiscípulo com a mesma galinha que roubara, nos braços e acompanhado da mãe, ficou perplexo, a olhar ora para um, ora para outro, sem saber o que pensar.

— Olha lá, ó rapaz: tu lembras-te daquela galinha que desapareceu na véspera do dia da feira?

— Lembro, sim, senhor.

— Então; e foste tu que a tiraste, ou não?

— Aqui é que Armando ficou atrapalhado.

Não queria dizer que sim, porque o verdadeiro ladrão estava ali, e receava ainda que o pai, vindo a saber quem fôra obrigasse Jaime a pagar, mesmo sem este poder.

Por fim tomou uma decisão, e disse baixinho, como que a medo de que o ouvissem:

— Fui sim senhor!

— Mas para que é que tu mentes!? exclamou também baixinho e receosa a voz de Jaime.

Isto foi uma revelação para Armando: se o amigo dizia isto, é porque já tinha confessado tudo.

Então, desta vez sem receio, exclamou:

— Pois bem! Perdõe-me meu pai, por o ter deixado enganar-se, mas não fui eu!

— Então para que me deixaste bater-te e ficar na suposição de que tinhas sido tu?

Em poucas palavras Armando explicou tudo.

Quando acabou, a mãe de Jaime chorava, o sr. João sorria satisfeito, e Jaime muito atrapalhado, procurava, com a vista um sítio onde pudesse fazer o pino, para disfarçar a sua comoção.

— Bom, disse então o sr. João dirigindo-se a Jaime, agora que tudo está deslindado e a galinha está aqui, podes levá-la Jaime; porque desta vez sou eu que ta dou.

Depois de muitos agradecimentos, e de terem ficado um bocado a conversar, Jaime e a mãe iam para se retirar.

Como era natural, Jaime ia-se embora sem se despedir de Armando, visto não se falarem, embora ambos tivessem muita pena.

Mas o sr. João reparou nisto.

— Ouçam lá, ó rapazes: então vocês não se despedem?

Jaime, que não esperava esta pergunta, ficou encostado à umbreira da porta, muito corado. Armando ficou também atrapalhadíssimo, mas empalideceu.

— Então porque é que vocês não se falam? voltou o sr. João dirigindo-se ao filho.

Como este não desse resposta, dirigiu-se a Jaime.

— Explica-me tu, então.

Jaime encheu-se de coragem, e contou tudo.

Isto foi uma nova surpresa para o sr. João.

— Olha lá, ó Armando; isto é verdade?

Armando fez um gesto afirmativo com a cabeça.

— Pois então vá um abraço. Já!

Jaime e Armando correram um para o outro, cheios de alegria, por voltarem a ser amigos, estreitando-se mutuamente num grande abraço.

Entretanto o sr. João dizia para a mãe de Jaime:

— Deixe-me cá ver outra vez a galinha, tia Emilia.

Esta tirou-a novamente do cesto, onde já a tinha pôsto, e deu-a ao sr. João que, por sua vez, a entregou ao José, dizendo:

— Rapaz! Arranja-me com isso um jantar todo catita, que é para nós os cinco a comermos.

«Se vires que não chega, vai buscar outra ao quintal.

«E agora, acrescentou dirigindo-se a Jaime e à mãe, ficam cá, para jantarem connosco.

Jaime e Armando correram para o quintal, onde se fariam de brincar, e onde Jaime ia apanhando uma indigestão de pinos, pois que os fez às centenas.

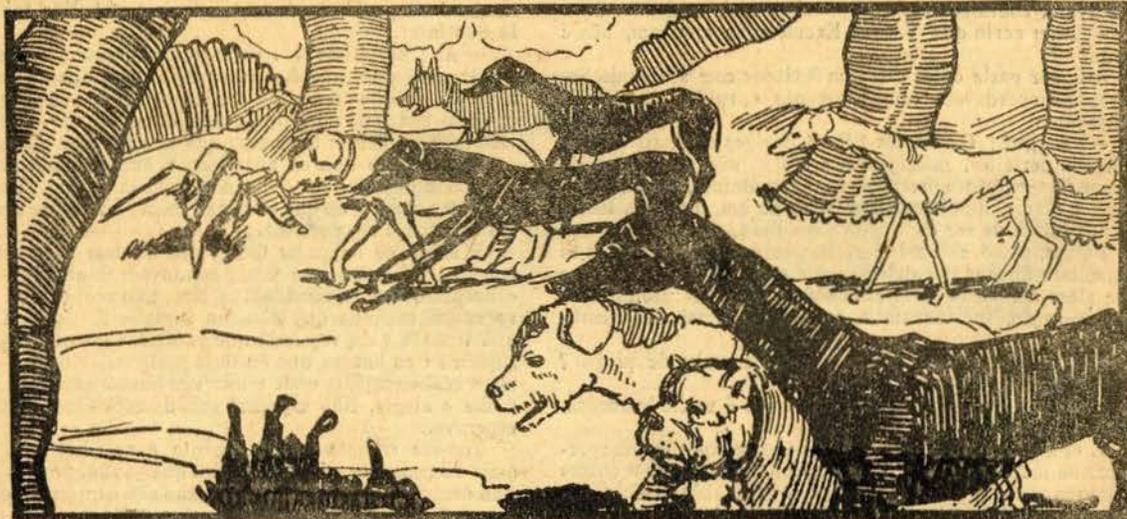
F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM!

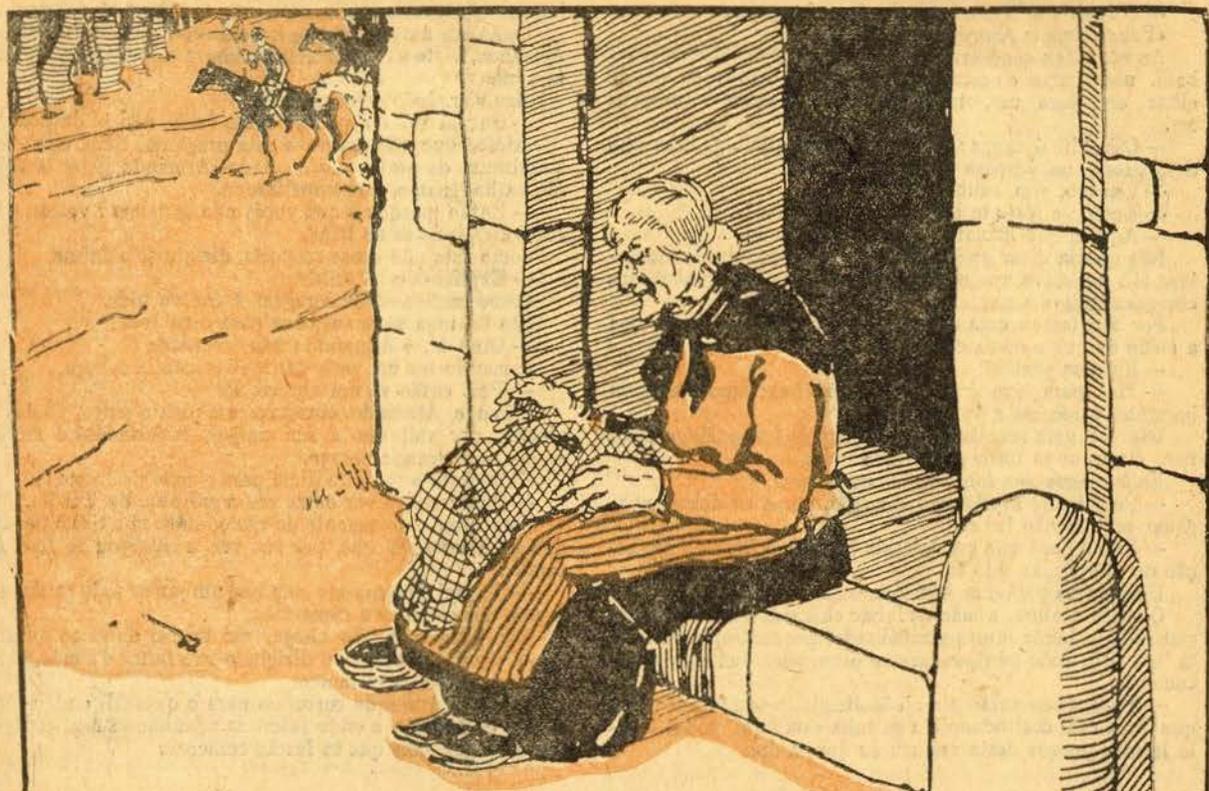
Tem tido grande éxito de venda o VIII volume

Bébés de Bibe e Babette

Por GRACIETTE BRANCO—Desenhos de EDUARDO MALTA



Meus meninos: Vejam se descobrem o caçador, dono desta bela matilha



com merecimento. Porém, se essa recompensa é bastante para pagar o mistério que desvendaste, a meu ver, não paga de maneira nenhuma o que fizeste pelo teu Rei. Salvaste-lhe a vida e, salvando-lhe a vida, livraste ao mesmo tempo o reino de uma grande calamidade. Além da minha gratidão, que será eterna, quero dar-te outra recompensa. Escuta, portanto, com atenção, o que te vou propôr.

Simpatisei contigo logo de princípio, porque és franco, inteligente e valente. Três grandes qualidades que se não devem desprezar. Não tenho herdeiros, por conseguinte desejo adoptar-te. Mandar-te-hei educar primorosamente como se fosses o meu verdadeiro filho e em tudo serás tratado como tal. Se eu vir que aproveitas bem os teus estudos e que continuas a ser digno da minha estima, embora não te corra nas veias sangue real, serás o meu sucessor, serás o Rei deste país.

O monarca, vencido pela comoção, calou-se por uns instantes. Depois, fixando os ministros e conselheiros que o rodeavam, continuou:

—Estou certo que Vossas Excelências aprovam, não é verdade?

A maior parte deles estavam furiosos com a idéa do Soberano, discordavam completamente e, ruidos de inveja, pensavam:

—Eis quê! Os nossos filhos, fidalgos da mais alta linhagem, perfeitos, inteligentes e cultos, não são dignos de serem reis e este miserável limpa-chaminés, boçal, ignorante e alarve, que afinal não passa de um intrujão, tem a grande honra de ser escolhido para Rei!...

Porém, como sabiam perfeitamente que o monarca os consultara apenas por delicadeza e por métrica formalidade e que além disso não fazia caso algum dos seus protestos de desaprovção, inclinaram a cabeça em sinal de assentimento.

—E tu, «Farrusco», aceitas o que te acabo de propôr? perguntou o monarca sorrindo.

—Senhor Rei, obrigado... vocemecê é muito bondoso... mas... bem haja, senhor Rei...

E «Farrusco» calou-se, atrapalhado, porque queria agradecer ao monarca a grande honra que lhe fazia, com outras palavras mais expressivas, mas que não sabia dizer, e, desesperadamente, arrepelava os cabelos.

—Deixa os agradecimentos para outra ocasião, rapaz, e dize-me, sinceramente, se queres ser o meu filho adoptivo, disse o soberano sorrindo bondosamente, pois percebera a sua atrapalhação.

—Quero, sim, senhor Rei, aceito, mas com uma condição: é que a minha avó venha viver também para o palácio. Quero tê-la junto de mim. Vocemecê consente, não é verdade?

O Rei, querendo experimentá-lo, respondeu, fingindo-se zangado:

—Estás maluco, rapaz! Querias que eu adoptasse toda a família? Não me faltava mesmo mais nada!... Tomo conta de ti e não da tua avó; deixa-a ficar na aldeia, que está lá muito bem. E' preciso que te convenças que, tornando-te um príncipe, tens de cortar relações com todos os teus. Nem nunca mais porás os pés na tua terra natal. Não tens nada lá que fazer.

—Ah! éle é isso!... exclamou «Farrusco» impetuosamente, então vocemecê, senhor Rei, quer que eu despreze a minha avó que me criou desde pequenino, que tantos sacrificios tem feito por mim, chegando muita vez — oh quantas vezes — a passar fome para que ao neto nada faltasse!...

Quere então que eu abandone a querida velhinha que me serviu de mãe, como quem abandona e deita para o lixo qualquer objecto de que já se não gosta?... Pobre avósinha tão caçada e tão doente!...

E havia eu de pagar tudo o que ela tem feito por mim, todas as privações que tem passado por minha causa, com o desprezo e a ingratidão!... Não, não senhor Rei. Fique vocemecê sabendo que não sou ingrato. E' de bom grado que troco a vida regalada que vocemecê me queria dar, as riquezas e as honras que eu teria neste palácio pela minha miseravel choupana onde muita vez falta o pão, mas honradinha e alegre. Não esperava isso de vocemecê, lá isso não esperava.

Vou-me embora imediatamente e acredite que nunca mais cá ponho os pés. O dinheiro que ganhei por via da minha descoberta escusa de mo dar que não o quero. Não aceito esse ouro que me queimaria as mãos; dê-o a quem quizer.